



Dandara:
A Mulher Negra como construtora de processos comunicacionais¹

Eufrásia Nahako SONGA²

Giuliane Cibele ALVES³

Luciene de Oliveira DIAS⁴

Palloma Lopes BIASI⁵

Wéber Félix de OLIVEIRA⁶

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este artigo é um trabalho sobre a produção de discursos que negam a existência do racismo e da hierarquização de gênero e raça na sociedade brasileira. Seu objetivo, portanto, é discutir a complexidade das identidades que perpassam o que é chamado de mulher negra. Para tanto, eis aqui uma análise dos mecanismos e ferramentas utilizados no processo comunicacional agenciado pelo Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado. Dessa maneira, lança-se mão de discursos que afirmam e fortalecem as identidades frente às condições históricas que acabaram por coisificar o negro e, conseqüentemente, naturalizar o racismo e a desigualdade racial e de gênero no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: racismo; gênero; raça-etnia; comunicação.

Diferenças entre indivíduos e grupos humanos, assim como intelectuais, morais e culturais, são vivenciadas em todas as sociedades contemporâneas. Grupos como: negros e mulheres, enfrentam dificuldades ao se identificar e afirmar devido às condições históricas que acabaram construindo a coisificação destes sujeitos históricos e a desigualdade racial existente no Brasil desde o processo de colonização. Haja vista, as cadeiras da universidade ainda terem espaço reservado para o pensamento que enquadra sujeitos como mulatos, reproduzindo o racismo sistematicamente e seguindo o modelo proposto por Gilberto Freyre.

¹ Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 3º período do Curso de Jornalismo da Facomb-UFG, email: eufrasonga@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 3º período do Curso de Jornalismo da Facomb-UFG, email: giuliane_cibele@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Facomb-UFG, email: lucienediasj@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 3º período do Curso de Jornalismo da Facomb-UFG, email: pallomabiasi@hotmail.com

⁶ Estudante de Graduação 3º período do Curso de Jornalismo da Facomb-UFG, email: weberfelix17@hotmail.com

* Hugo de Oliveira, estudante de Graduação 3º período do Curso de Letras da FL-UFG é colaborador deste artigo, email: hugo_oliveira@hotmail.com



No Brasil, ser mulher negra é lidar todos os dias com identidades multifacetadas, fluidas e de negação. O passado colonial escravista foi o berço de muitos estereótipos que essas mulheres ainda carregam. Mas como enfrentar a aparente imensidão dessas palavras que inferiorizam e condenam? Como lutar contra o preconceito por uma sociedade mais equânime?

Análises sobre os papéis que a mulher negra ocupa na formação da cultura, políticas linguísticas adotadas pelas mesmas e sua militância, como forma de inverter o jogo são aspectos levantados e desenvolvidos neste trabalho como forma de ressignificar esta mesma construção. Para tanto, a busca por um grupo que desenvolve ações de afirmação da Mulher Negra, pode sinalizar para esta ressignificação e ainda para, quem sabe, a elucidação de categorias que já estão sendo trabalhadas no campo do vivido.

DISCURSOS CONSTRUÍDOS

A formação dos estereótipos nacionais acerca da mulher negra começa ainda no período colonial. O abuso sexual como forma de dominação está na base de todas as construções hierárquicas de gênero no Brasil. A partir de uma história, que é masculina, a Mulher Negra sofreu a imposição de um papel de subjugo na formação nacional. A desigualdade entre homem e mulher foi “naturalizada” com a erotização feminina e a violência sexual estabelecida. Dessa forma, a literatura produzida aqui foi fundamental para criar duas imagens principais da negra brasileira: a mãe negra e a mulata.

A primeira, presente no núcleo da família hegemônica, era responsável por cuidar e amamentar os filhos da casa grande, já iniciando uma divisão espacial, ou espacialidade, que ainda hoje é visível nos lares brasileiros. Como participavam do cotidiano das crianças dos senhores, foram vistas por Gilberto Freyre como um elemento corruptor da família dominante. Isso porque ao trazer novos elementos linguísticos, culturais e até religiosos para uma relação que não podia alcançar o *status* da intimidade familiar, as mulheres negras eram literalmente impedidas de falar em mitos e outros elementos considerados “fora do lugar”.

Já a mulata entra no imaginário nacional principalmente pela literatura, onde era “retratada como exótica, sensual, provocativa, enfim, com fogo nato” (CARNEIRO, 2002, p.171). Essa representação ainda é dominante na sociedade nacional, a exemplo das construções literárias, publicitárias e até no espaço de produção acadêmica e ainda



nos meios de comunicação de massa, como mostra a eterna *Globeleza* substituída anualmente pela maior emissora de TV do Brasil.

Estes rótulos ainda pesam sobre os ombros das Mulheres Negras que, mesmo com acesso a escola e trabalho e/ou inseridas em contextos onde não estavam antes, convivem com o racismo e o sexismo. Vale ressaltar o racismo velado praticado no Brasil, que faz com que a atitude racista não carregue em si um sujeito racista. A sensação é de que o racismo não partiu de um agente e, daí, a dificuldade no enquadramento dos próprios crimes de racismo. Isto é, constata-se um discurso impregnado na sociedade, no qual as pessoas negam a característica racista e, no entanto, continuam a perpetuar ditos e ofensas preconceituosas.

Trata-se do mito da democracia racial e conseqüentemente da fundamentação na ideologia do branqueamento que, apesar de seu caráter profundamente racista, foi legitimada e assimilada por praticamente todos os setores da sociedade. Essa referência dá-se pela produção de discursos que negam a existência do racismo e da hierarquização de gênero, raça e classe no País. Contudo, não é o que se vê na relação entre as pessoas no cotidiano.

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. [...] Por que será que se tem “o preconceito de não ter preconceito” e ao mesmo tempo se acha natural que o lugar do negro seja nas favelas, cortiços e alagados? (GONZALES, 1984, p.226)

Essas expressões se manifestam na linguagem e de forma compreendida e defendida como natural. Falas como “serviço de preto” ou “não tenho nada contra negro” e também o caso das populares chacotas sobre negro são exemplos da institucionalização do racismo na comunidade brasileira. A referência é a uma tradição linguística que mantém um sistema racial, machista e opressor.

A renovação do racismo passa pelos discursos construídos sem uma vigilância quanto à especificidade brasileira. “Palavras impõem-se, criam raízes em nossa memória contra nossa própria vontade” (HOOKS, 1994, p.857) e isto está notável na transcrição da fala de uma mulher feita por Gonzales, “preto quando não caga na entrada, caga na saída” (1984, p.223). Essa tradição e seus efeitos são tão cruéis que entram na cabeça dos indivíduos negros fazendo com que se sintam inferiorizados.



Diversos teóricos, grupos feministas e até mesmo indivíduos, no entanto, usam a língua e a escrita como instrumento de confronto face ao discurso racista. É o caso de Frantz Fanon, considerado um dos maiores pensadores do século XX relacionado a temas da descolonização e psicopatologia da colonização, o qual reflete ser “através da linguagem que criamos e vivenciamos os significados”⁷. Ao falar de escrita, não se faz referência a um campo livre de fatores externos, mas de uma atividade estabelecida sócio-historicamente, pois na interação os sujeitos tomam para si a responsabilidade pela composição do meio social que, por sua vez, é construída pela diversidade de discursos.

Apesar do antagonismo ao discurso racista existente, oposições e relações do poder hegemônico ainda se fazem sentir. Estudos sobre gênero e raça trazem, tradicionalmente, uma abordagem tendenciosa. Uma vez que há em seu cerne impressões de quem os produz. Ou seja, estes discursos são construídos por uma voz branca que observa o elemento negro. “Esses escritores, em sua maioria, pertencem à camada dominante e deixam entrever em seus escritos ideais geralmente eivadas de preconceitos e estereótipos em relação aos negros e às mulheres” (CARNEIRO, 2002, p.169).

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

O feminismo é um movimento social e político, que objetiva alcançar direitos iguais e uma vivência humana liberta de padrões opressores. Seu berço de origem foram a Europa e os Estados Unidos da América (EUA) na década de 1960, porém sua disseminação foi inevitável. O movimento feminista é marcado por reivindicações por direitos legais, liberação feminina, igualdade de direitos e igualdade social com os homens, até a perspectiva atual em que as mulheres lutam para ter seus direitos e interesses respeitados. Teresa de Lauretis⁸, citada por Schmidt (2004, p.19) “sustenta que é crucial para o feminismo a afirmação de uma dupla força em direções contrárias: a negatividade crítica de sua teoria e a positividade afirmativa de sua política”.

É nesse cenário, do final da década de 1980, no Brasil, que vemos a mulher negra se organizar politicamente para combater os estereótipos e questionar a desigualdade entre brancas e não-brancas na sociedade. De fato, há um esforço dessas

⁷ Citação retirada da página 15 do prefácio de Lewis R. Gordon em *Pele negra máscaras brancas* de Frantz Fanon, traduzida por Renato da Silveira.

⁸ Teresa de Lauretis, 1994, p. 238.



mulheres para sair da sombra dominadora do artifício branco dominante. Na medida do afloramento desses anseios, o que se vê é uma “tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe” (CARNEIRO, 2002, p.181).

O Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado⁹ articula-se em torno de discussões de gênero e raça/etnia no estado de Goiás desde 1999. Foi fundado por Marta Cezária de Oliveira, missionária e coordenadora do grupo de mulheres religiosas católicas da região goiana, naquela época, após o fórum de entidades negras realizado na cidade de Salvador e passou a chamar-se Malunga, que significa companheira. Sua primeira política pública envolveu uma campanha sobre anemia falciforme, uma vez que faziam parte do grupo mulheres formadas na área da saúde.

O termo “Dandara” começou a ser usado após a divisão do grupo em dois. Malunga continuou trabalhando com aspectos relacionados à saúde e Dandara no cerrado, passou então a criar e implementar políticas sobre a discriminação racial e a violência contra mulheres. O grupo que fazia e continua fazendo parte da região goiana, envolvia membros de mais alguns municípios do estado de Goiás, Mato Grosso, Pará, uma parte de São Paulo, Amazonas, Acre e Brasília, que se organizavam a nível nacional. O mesmo é constituído, atualmente, com cerca de 50 membros, dentre os quais: mulheres negras, brancas, homens e crianças; formadas em diferentes campos de atuação e que trabalham sempre dispostos a dar a mão a pessoas que são vítimas de racismo, preconceito e violência.

O escritório funciona como uma empresa, isto é, de segunda a sexta feira e dependendo da ação/atividade, o grupo reúne em seu escritório localizado no setor Jardim América e/ou em outros lugares, uma vez que o Dandara participa de outros encontros como: conselhos de mulheres internacionais, nacionais e estaduais; conferências representando o fórum goiano de mulheres. Atualmente o grupo encabeça o projeto Caravana Minas do Rosário: mitos do Brasil central – um fortalecimento da lei 10.639, do estatuto da igualdade racial e da Lei Maria da Penha, que possui uma dinâmica de roda e que está sendo realizado em Cavalcante, Monte Alegre Teresinha e alto Paraíso, Niquelândia, Bairro alto, dentre outras cidades e feiras.

Através de suas articulações, peças teatrais, feijoadas, palestras, encontros, rodas de conversa, oficinas com produção de material didático durante e após encontros,

⁹ Primeiro grupo de feministas negras do estado de Goiás que procura combater a violência e discriminação racial. Seu nome faz referência a Dandara, mulher negra guerreira do período colonial, esposa de Zumbi dos Palmares. Ambos, importantes líderes contra a opressão dos senhores brancos.



estas mulheres escrevem e falam de si. Este processo garante não somente o agenciamento do grupo representado como também conduz outras instituições a reconhecerem-nas no cenário de lutas de gênero e racial.

Construir uma identidade antirracista, assim como ressignificar os conceitos e os discursos sobre a mulher negra é a prioridade do Dandara. “Nosso foco é uma geração de renda. Empoderar mulheres negras para que deem conta de sobreviver e de fazer aquilo que elas gostam”, afirma Marta Cezária, uma das ativistas do grupo.

O grupo, dentro do movimento feminista negro, procura conquistar a condição da mulher negra como sujeito, combatendo o racismo e a violência contra a mulher e, muitas vezes também, se predispõe a dar a mão a adolescentes e crianças que necessitam de auxílios. A formação do mesmo, desde 1999, cria uma identidade própria, na qual não há exclusão das subjetividades dos indivíduos para seu pertencimento e compartilhamento de suas filosofias militantes.

Nesse sentido, identifica-se a existência de um processo de justaposição de especificidades dos participantes e não somente a exaltação de características homogeneizantes. O grupo é constituído por uma rica diversidade de pessoas. Desde mulheres a homens e crianças com níveis sociais e de escolaridade plurais.

As “Dandaras”, como ressalta Marta Cezária em seu discurso, ou simplesmente “mulheres guerreiras”, trabalham voluntariamente em prol da sociedade, por meio de ações sociais. As quais são, na maioria das vezes, realizadas em setores afastados dos centros urbanos, comunidades rurais, quilombos, universidades etc. Para sensibilizar as pessoas, além das atividades já mencionadas, o grupo possui perfis em redes sociais, espaço virtual em blog, além da participação em eventos, congressos e programas radiofônicos e televisivos.

COMUNICAÇÃO E LIBERDADE

A chamada grande mídia veicula uma imagem da mulher negra arraigada na exclusão e subalternização. As novelas televisivas, que possuem muitas vezes audiências gigantescas, costumam colocar a mulher negra no papel de empregada doméstica ou como uma mulher extremamente sensual, e com isso reafirmam discursos que circulam na sociedade. Fato este, que comumente é visto também em publicações de livros, jornais e revistas, os quais intensificam a propagação dessa imagem estereotipada.



Se partimos do entendimento de que os meios de comunicação não apenas repassam as representações sociais sedimentadas no imaginário social, mas também se instituem como agentes que operam, constroem e reconstróem no interior da sua lógica de produção os sistemas de representação, levamos em conta que eles ocupam posição central na cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra. (CARNEIRO, 2003, p.125)

A sociedade perpetua discursos racistas e sexistas, e os meios de comunicação de massa também reproduzem esses discursos. Com tantas dificuldades, o preconceito parece ser mais forte e quase impossível de ser enfrentado. Para arrefecer essa torrente, o surgimento de grupos específicos exercitam a construção coletiva de novos modelos de representação e esta tem sido a busca do Dandara.

Paulo Freire (1983) diferencia os termos extensão e comunicação. O primeiro descreve a ação de um profissional que apenas “estende” o conhecimento para o educando, como se o educando fosse um objeto de depósito de conteúdo e não alguém com capacidade de reflexão. Já a comunicação se faz presente quando o educador estabelece uma relação de sujeito-sujeito com o educando, todos iguais no processo de aprendizagem. Na educação que tem como base a comunicação, educador e educando unem-se na construção de novas espacialidades, construindo novas possibilidades de educação e estabelecendo a comunicação.

O Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado executa assim, concretamente, a comunicação em suas ações. As rodas de conversas, os debates e as palestras estimulam à reflexão sobre a realidade em que vivem e sobre o porquê de tantas dificuldades. Ora, nesse processo “não há que considerar perdido o tempo do diálogo que, problematizando, critica e, criticando, insere o homem em sua realidade como verdadeiro sujeito da transformação” (FREIRE, 1983 p.51). Esse tipo de exercício faz com que cada mulher participante das rodas de conversas ou dos debates seja alguém com potencial de contribuir para a discussão e não somente ouvir o que outros têm a dizer.

“Rejeitar a problematização dialógica é insistir num injustificável pessimismo em relação aos homens e à vida. É cair na prática depositante de um falso saber que, anestesiando o espírito crítico, serve à ‘domesticação’ dos homens” (FREIRE, 1983, p.55). O educador defende que o diálogo e a problematização da realidade são essenciais para a conquista da liberdade e o Dandara caminha nesta perspectiva.



A comunicação como Paulo Freire compreende, um envolvimento subjetivo entre as pessoas, contribui para a liberdade porque possibilita uma relação sujeito-sujeito. A mulher negra é um sujeito que tem voz e capacidade para refletir, e ao compreender os preconceitos e os estereótipos que a estigmatizam pode agir e transformar essa realidade.

POLÍTICAS IDENTITÁRIAS E PROCESSO COMUNICATIVO

O racismo desenvolveu-se no Brasil de forma a jamais ser legitimado pelo Estado, atuando, contudo nas práticas sociais e nos discursos. Esta especificidade o torna um racismo de atitudes, mas ainda não reconhecido pelo sistema jurídico e ainda negado pelo discurso da harmonia racial e não racalista da nação brasileira (GUIMARÃES, 1999). A atenção aqui é para uma questão fundamental, qual seja a origem dos estereótipos e a condição à qual a Mulher Negra foi submetida ao longo da história da cultura brasileira e os efeitos violentos sobre ela da combinação dos fatores: ser mulher e ser negra na sociedade brasileira.

Em reação a essa prática e à falta de representatividade da voz negra nos movimentos sociais é que a Mulher Negra se afirma e luta contra a subordinação até então estabelecida. Essa tomada de posição inaugura a posse do poder de fala de alguém que fala de si, e não mais de um objeto de fala do discurso e teorias produzidos por não-negros. É desta forma que as Mulheres Negras, dentro do feminismo e dos movimentos negros organizados conquistam posições de sujeito e não mais de objeto.

Toda a luta do feminismo negro se pauta pelo combate à imagem de que o lugar do negro é na cozinha, na condição de servidão e subalternidade. No imaginário nacional, o negro ocupa o lugar de marginal, favelado, malandro, ladrão. Também para desmistificar as desqualificações atribuídas de preguiçoso, irresponsável, incapacitado intelectualmente, infantilizado.

O movimento social negro feminista conseguiu inverter os próprios discursos dominantes e fazer com que eles se tornassem instrumentos contra os opressores. Há com isso uma ressignificação dos valores aderidos aos conceitos e termos que passam agora a servir na luta contra a opressão branca. Aliados à luta feminina negra, encontram-se mecanismos que fazem com que os grupos com os quais trabalham tenham a percepção crítica sobre a realidade e construam com as feministas uma força com identidade própria não exclusivista.



Para tanto há o uso de ferramentas de interação que priorizam a paridade de gêneros e raças. As ativistas do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado são pioneiras na região Centro-Oeste, no sentido de definir o processo comunicacional como essencial para a construção de indivíduos pensantes que possam, conseqüentemente, construir uma nova realidade que não esteja marcada por estigmas e preconceitos. “O conhecimento não se estende do que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações” (FREIRE, 1983, p.36).

RELAÇÕES AFETIVAS

Ainda seguindo os passos propostos por hooks (2008), viver a arte do amar e saber o significado do amor são tarefas difíceis de serem cumpridas, quando tudo de mais valioso é retirado de forma brutal e sem escrúpulos. De todas as torturas que as mulheres negras um dia passaram, a separação de um ente querido é com certeza a mais dolorosa, pois se desvincular de um laço já criado e perdê-lo sem ter a esperança de um dia poder vê-lo novamente, as tornam incapazes de reconhecerem o sentimento de maior valia que um ser humano pode ter, o amor.

A frieza e a indiferença começam a fazer parte não só da realidade dos negros, mas também de suas personalidades, pois agora chegou ao ponto que demonstrar qualquer tipo de emoção significa deixar visível a fragilidade do negro e como ele pode se tornar vulnerável a um sofrimento ainda mais abominável. Reprimir seria o caminho menos tortuoso e que não traria como consequência a morte visual destas mulheres. Essa era a triste realidade de um ser humano forçado a negar os seus próprios sentimentos e agir apenas como objetos descartáveis e efêmeros.

Não se pode negar a essência do indivíduo que é ter sentimentos e atitudes racionais, pois a partir do momento que ocorre a negação do caráter humano tudo perde o sentido. De mão dessa consciência interacionista, o grupo Dandara busca promover atividades que resgatem os sentimentos e emoções reprimidas por tantos anos. Além de possibilitar a essas mulheres, uma vez vulneráveis no passado, a condição de sobrevivência. A afirmação é o primeiro passo para que se cultive o amor à imagem do sujeito Mulher Negra e tenha-se percepção de sua importância.

Numa sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante. A mulher negra descolonizada precisa definir suas experiências de forma que outros



entendam a importância de sua vida interior. Se passarmos a explorar nossa vida interior, encontraremos um mundo de emoções e sentimentos. E se nos permitirmos sentir, afirmaremos nosso direito de amar interiormente. (HOOKS, 2008)¹⁰

Outrora, vozes que estavam silenciadas, hoje possuem autonomia para escolher a posição e espaço que desejam ocupar. A partir da perspectiva apresentada, a mulher torna-se sujeito político capaz de combater o potencial discriminatório existente em sociedade. Hoje, encontramos essas mulheres guerreiras, como são conhecidas as Dandaras, compondo os principais conselhos de autarquias, desde níveis locais até representações internacionais, Conselho Municipal de Assistência Social, Conselho da Igualdade Racial do Estado de Goiás, Conselho de Integração Universidade e Sociedade e Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial. Suas vozes se fazem presentes em espaços onde jamais pensavam um dia ocupar. Estas Mulheres Negras, com sua determinação, conseguiram emplacar discussões que foram importantes para a criação de secretarias e políticas públicas capazes de assistir os anseios delas.

“A imaginação constrói novas realidades, uma nova realidade de significados é construída” (BODERNAVE, 2006, p.73) a partir da dialogicidade dos sujeitos em torno do objeto problematizado. Instaura-se nesse processo o ato comunicacional que pretende tornar vivas as experiências que são compartilhadas entre essas mulheres e as comunidades com as quais elas mantêm contato. O avivamento de suas histórias possibilita o não esquecimento do subjugo e, assim, possam refletir criticamente a problemática de suas vidas.

A comunicação eficiente exige que os sujeitos interlocutores incidam sua admiração sobre o mesmo objeto; que o expressem através de signos linguísticos pertencentes ao universo comum a ambos, para que assim compreendam de maneira semelhante o objeto da comunicação. (FREIRE, 1983, p.70)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as questões abordadas refletem o início de uma agência afirmada das Mulheres Negras frente aos discursos dominadores que as colocavam em posição de objetos da sociedade. Com a tomada da fala, elas conquistaram força contra o estigma estabelecido e a padronização ainda imposta nas relações pessoais e mercadológicas. Dessa maneira, a união de mulheres passa a refletir o resgate de uma memória histórica

¹⁰ Texto publicado por bell hook e traduzido por Maísa Mendonça para o blog Nalui Dread.



apagada, o fim da condição de subjuço, a valorização da mulher negra e a possibilidade de atender as necessidades de mulheres que estão à margem da sociedade. Muito foi feito, um tanto já conquistado, contudo há um longo caminho a ser percorrido nesse cenário velado de inferioridade. O que se pretende, na verdade, é a afirmação da mulher negra e a contestação pela naturalização do silêncio face ao discurso racista.

O grupo de mulheres Negras Dandara no Cerrado trabalha contra a violência e o racismo, e visa com as suas ações conquistar uma condição de respeito das mulheres negras na sociedade. Como uma família, as Dandaras estão sempre dispostas a apoiar outra Dandara que precise de ajuda. Parte da mídia acompanha a agenda cheia de eventos do grupo. Os congressos são muito comuns, e as caravanas são ações de interação com rodas de conversas e palestras. Um projeto atual dentre muitos do grupo é o Congresso Estadual de Mulheres Negras que sempre recebe mulheres de vários estados. Tantos projetos não seriam possíveis sem união e esforço, e é isso que de mais fundamental o Dandara do Cerrado ensina: a força coletiva é essencial na busca por uma sociedade menos racista e mais equânime.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. **Como domar uma língua selvagem**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: difusão da língua portuguesa. Niterói: 2009.

_____. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo**. Tradução Édna de Marco. Revista Estudos Feministas. Florianópolis: 2000.

BORDENAVE, Juan. **O que é comunicação?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

CARNEIRO, Sueli. *Gênero e Raça*. In.: BRUSCHINI, Cristina. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Editora 34, 2002.

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em movimento*. In.: **Estudos avançados**. vol17, São Paulo: 2003.

FANON, Frantz. *O negro e a linguagem*. In.: **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Tradução Rosiana Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

GONZALES, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In.: **Revista Ciências Sociais Hoje**. Rio de Janeiro: Anpocs, 1984.

GUIMARÃES, Antonio Sergio A. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.



HOOKS, b. *Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens*. Tradução Carlianne Paiva Gonçalves, Joana Plaza Pinto e Paula de Almeida Silva. In.: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: 2008.

SCHMIDT, Simone. **Como e por quê somos feministas**. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, 2004.